— III —

# MACHADO DE ASSIZ

DEMÓCRITO ROCHA

Quem é esse Machado de Assiz, de quem o Brasil inteiro comemora hoje o centenário do nascimento?

A resposta é dificil de formular. E será até possivel que, daquí a mais um século, essa pergunta não encontre uma solução verídica.

Temos, diante de nós, um desses famosos complexos, que se prestam a cento e uma deduções, podendo, sem violentos choques com a exatidão, cada exegeta interpretá-lo a seu modo.

Machado de Assiz é, assim, uma espécie desses retratos murais, a óleo, ou dessas imagens de santos em seus altares, cujos olhos acompanham o espectador por onde-quer que ele percorra os salões dos edifícios, ou as naves das catedrais.

No final de contas, se se procurasse localizar esse olhar migrativo, a confusão seria total, porque toda a assistência, por mais numerosa e heterogênea,

afirmaria que o olhar do retrato, ou da imagem, estaria fixado no seu quadrante de observação.

E a distância, no tempo, longe de elucidar tamanhas divergências, contribuiria para agravá-las.

Destarte, o elemento precioso para julgar Machado, não será de certo a obra literária, tanto mais bela quanto mais indecifravel, desse malabarista das idéias e dos caracteres.

Não; o fio de Ariadne para guiar, nesse labirinto psicológico, as gerações que virão, há de ser, ainda, aquela tenuíssima corrente explicativa dos raros perquiridores que, em vida, se aproximaram do nosso herói. Não tivessem existido Xenofonte e Platão, e a cultura humana estaria privada da filosofia de Sócrates.

E, neste passo, iríamos de encontro a Schopenhauer, para quem a grandeza espiritual do homem de princípios diminue à proporção que dele nos aproximamos e cresce na razão do afastamento de quem a procura examinar.

E porque aludí a essa advertência do imortal pessimista de Dantzig, seja-me lícito para aquí trasladar o magistral comentário que lhe teceu o grande Lu Sin, arauto da renovação do pensamento chinês, morto há tres anos passados.

A citação vem a calhar, porque a condição física de Machado de Assiz flutua sempre, quando se discute a natureza de suas criações literárias. Há quem atribua a crueldade da pena de Machado às amarguras de sua base orgânica, às perturbações funcionais de seu atormentado sistema nervoso. E, assim, Machado desapareceria de nossa vida mental, deixaria de ser a estrela de primeira grandeza de nosso firmamento intelectual, para transmudar-se em simples,

frio e deploravel capítulo de sintomatologia neurótica.

Mas voltemos ao lider chinês Lu Sin.

Lu Sin desdobrou o conceito de Schopenhauer. Ele esclarece que, de perto, avulta a pessoa física e se torna mais facil ver-lhe as máculas e os defeitos. Por maior que seja o porte físico da criatura, a proximidade em que nos colocarmos permitirá certas desilusões. Veremos que, diante de nós, não está mais um gênio, nem um Deus, nem um monstro. Está, unicamente, um homem, como nós. Mas a estrutura física se agiganta, quando ficamos ao pé dela. Neste ponto, o pensador amarelo discorre e acrescenta:

—«Quando um batalhador morre na batalha, o que as moscas encontram primeiramente são os seus defeitos, as suas feridas. Então, realizam elas um banquete sobre aqueles despojos e zumbem o contentamento de se julgarem mais heróicas do que o guerreiro abatido. Mas o batalhador já morreu na batalha e não pode enxotá-las. As moscas zumbem, então, mais fortemente e creem que imortal e eterno é unicamente aquele zumbido; e que a perfeição delas é mil vezes maior que a do guerreiro.»

Até aí, essa exposição, dolorosa para o homem e gloriosa para as moscas de após-combate.

Mas Lu Sin nos dá um consolo que nós, brasileiros, bem poderíamos supor ter caido da pena de Machado de Assiz. É um consolo tristemente filosófico, que talvez não satisfaça ao orgulho humano; mas é sempre consolo e profundamente filosófico.

Ouçamos Lu Sin, com a sutileza característica das cousas da sua raça:

—«Mas a verdade absoluta é que ninguem, até hoje, encontrou defeitos ou feridas no corpo das moscas. E o batalhador, com todos os seus defeitos,

permanece, afinal, sempre batalhador, enquanto as moscas, as mais perfeitas, tambem não passam de moscas.»

Dentro desses raciocínios, somente os que conviveram com Machado de Assiz poderão fornecer, à posteridade, os elementos idôneos para um juizo perfeito de sua obra e dos fatores latentes que a influenciaram. Não que os íntimos de Machado sejam as moscas do prosador chinês.

E já deixamos acima esclarecido que a nossa tese vinha em sentido contrário à observação do pensador germânico.

Para Machado de Assiz, as moscas do campo de batalha foram-lhe os críticos apaixonados, aqueles que, cegos intencionais diante de um monumento, zumbiram-lhe em redor das possiveis máculas do pedestal.

* * *

Estamos, porem, há um século, daquele dia 21 de Junho de 1839. E há trinta e um anos somente da morte do autor do "Braz Cubas".

Quem é esse Machàdo de Assiz?

Que podemos responder nós, os que entramos neste mundo com o século, ou pouco antes dele?

Que direis vós outros, que ainda agora abrolhais no solo cultural do Brasil?

Que compreendeis vós, ondas decenais de novo pensamento; vagas que rebentais em flocos, no rochedo de nossa formação mental; agregado a crescer para o desafio das idades porvindouras?

Machado perdura uma interrogação. No quadro literário do Brasil, há mais de meio século, está lançado um problema: o problema Machado de Assiz. E porque ainda não há matemática para as cogitações

ligadas à alma, esse problema vem sendo resolvido ao sabor de cada concepção. No fim, repete-se aquela situação que Dom Casmurro descreveu, da hora da encomendação do cadaver de Escobar:

—«A confusão era geral.»

Machado escreveu uma obra universal. Seus livros apresentam a cor local meramente necessária à vida de suas personagens. E só. Mesmo porque essas personagens não poderiam viver no eter. Reclamariam aquilo por que as nações de hoje desejam fazer a guerra: o "espaço vital".

E, vivendo em determinado país, ou determinada cidade, em determinado tempo, não poderiam as narrativas se furtar a pontos de reparo geográficos, cronológicos, ou de costumes.

Neste ponto, os romances de Machado de Assiz se desviam para um polo antagônico aos dos principais livros de José de Alencar, que foi intensamente regionalista, na terra, no homem e nos acontecimentos.

Se, porem, o autor de "Quincas Borba" tem esse carater de universalidade em sua obra, conseguiríamos enquadrá-lo em paralelo com algum outro homem de pensamento universal? Esse paralelo poderia ser tentado com a figura igualmente controvertida do latino Anatole France? Com a dos anglos Bernardo Show e Sterne? Com a do escandinavo Ibsen?

A negativa é formal. Alguns minutos de raciocinio afastam essa tentada comparação, porque é inteiramente absurda.

Machado mantem com Anatole France um ponto comum de estilo. Mas o sobrepuja, sob esse aspecto.

Anatole aconselhava a "contrariar os epítetos"

Para o criador de "Thaïs", o encanto da frase estaria na oposição dos adjetivos. É conhecido o exemplo, vulgarizado por Brousson, que Anatole figurou para ilustrar o efeito:

—«*N'écrivez pas: «Des prélats, magnifiques et pieux, allèrent en procession quérir la Sainte Ampoule» mais: «Des prélats, obèses et pieux, allèrent en procession...»*

Ora, neste particular, Machado de Assiz é insuperavel. Porque o autor de "Esaú e Jacó" não se limitava a contrariar os qualificativos, cujo principal êxito, na inteligência do leitor, não repousa precisamente nessa oposição, mas no imprevisto das qualificações em choque. Machado ia adiante, porque contrariava até as próprias frases, enganando o leitor, à última hora, numa exposição ardilosa, criando o antagonismo entre todo um episódio e o seu epílogo, isto sempre eivado de um saber não apenas humorístico, mas positivamente cômico.

Um exemplo: quando Braz Cubas voltou da Europa, foi visitar Dona Eusébia. E, nessa visita, conheceu a jovem Eugênia, que o autor apelidou de "Flor da Moita", porque nascera de uns amores de D. Eusébia, quando moça, com o Vilaça.

Em pequeno, Braz Cubas surpreendera o Vilaça, conviva de seu pai, a beijar D. Eusébia, em certa moita da vivenda paterna. Braz Cubas, ao ver a menina, já aos dezesseis anos, lembrou-se do episódio e deu-lhe mentalmente aquele apelido: "Flor da Moita".

À tarde do dia da visita, já em casa do pai, Braz Cubas viu a moçóila passar a cavalo, acompanhada de um pagem.

E escreve Machado:

—«Fez-me um comprimento com a ponta do chicote; e confesso que me lisonjeei com a idéia de que, alguns passos adiante, ela voltaria a cabeça para trás; mas não voltou.»

Esses imprevistos e a oposição dos epítetos são mesmo a preocupação estilística de Machado de Assiz.

Marcela, a espanhola, amante de Braz Cubas, quando este lhe dava uma jóia, beijava-o «com uma reincidência *impetuosa e sincera*».

Abrindo o capítulo XVI de "Braz Cubas", escreve:

—«Ocorre-me uma reflexão imoral, que é, ao mesmo tempo, uma correção de estilo. Cuido haver dito, no capítulo XIII, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma cousa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros desse mundo, gente muito vista na gramática.»

Onde esse jogo de epítetos opostos se torna maravilhoso é na seguinte passagem, em que Braz Cubas vai a casa do conselheiro Dutra para conhecer-lhe a filha, com a qual o velho Cubas desejava que o filho casasse, afim de ser deputado.

Ouçam este perfil:

—«Era bonita e fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Vergília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, ou talvez medo; creio que medo.

Aí tem o leitor, em poucas linhas, o retrato físico e moral da pessoa que devia influir mais tarde em minha vida.»

Dessa visita de Braz Cubas a casa do conselheiro Dutra, resultou que o rapaz concordasse com a proposta paterna. E ele assim o narra:

—«Vencera meu pai; dispús-me a aceitar o diploma e o casamento, Vergília e a Câmara dos Deputados.»

Já é tempo de perguntar, aos meus ouvintes, qual o secreto fator que incitava Machado a essa preocupação do contraste, a essa refinada e frequente contrariedade dos epítetos.

Que sentimento seria esse que o levava a empregar, após dois ou três adjetivos nobres, um outro pitoresco, ridículo, deprimente?

Estude-se a obra de Machado, e ela própria nos esclarecerá.

Era escárneo.

O grande sarcasta trabalhou uma humanidade cheia de imperfeições. A ninguem perdoou. Foi realmente cruel. Todas as suas personagens sofreram, ou fizeram sofrer.

Era escárneo. Machado sem o querer, descobre-se, quando estuda, por sua vez, um contraste da natureza.

Já conhecemos a jovem Eugênia, filha de d. Eusébia e por quem, à primeira vista, palpitou o coração de Braz Cubas.

Pois bem. Na segunda visita de Cubas a casa de d. Eusébia, convidado para jantar, descreve o nosso herói, da seguinte maneira, a "Flor da Moita":

—«Eugênia desataviou-se nesse dia por minha causa, se é que não andava muita

vez assim. Nem as bichas de ouro, que trazia na véspera, lhe pendiam agora das orelhas, duas orelhas finamente recortadas numa cabeça de ninfa. Um simples vestido branco, de cassa, sem enfeites, tendo ao colo, em vez de broche, um botão de madrepérola, e outro botão nos punhos, fechando as mangas, e nem sombra de pulseira. Era isso no corpo; não era outra cousa no espírito. Idéias claras, maneiras chãs, certa graça natural, um ar de senhora, e não sei se alguma outra cousa; sim, a boca, exatamente a boca da mãi, a qual me lembrava o episódio de 1841. e então dava-me ímpetos de glosar o mesmo mote à filha...»

Notem bem: a descrição é encantadora. Eugênia aparece aí perfeita, seduzente, angelical. Logo em seguida, porem, d. Eusébia vai mostrar o jardim ao visitante e Braz Cubas nota uma circunstância:

—«Eugênia coxeava um pouco.»

Cubas indaga se machucara o pé. A mãi da moça guarda silêncio. Mas Eugênia responde:

—«Não, senhor; sou coxa de nascença.»

Braz Cubas confessa no livro que se arrependeu da pergunta. Notou que a moça ficou triste.

E diz Braz:

—«Palavra que o olhar de Eugênia não era coxo, mas direito, perfeitamente são; vinha de uns olhos pretos e tranquilos. Creio que duas ou três vezes baixaram eles à terra, um pouco turbados.»

E mais adiante:

—«O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compos-

tura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárneo. Porque bonita, se coxa? Porque coxa, se bonita?»

Em seguida, chama-a de "Venus Manca".

Como ouviram, para Machado, esse contraste, entre o belo e o coxo, é *um imenso escárneo da natureza*.

Ora, o autor de "Quincas Borba" repete, em sua obra literária, esse escárneo da natureza: contrasta o belo e o coxo em suas personagens. Ninguem, em seus romances, é perfeito. Todos mancam do físico ou do moral. A contradição dos epítetos, em Machado de Assiz, não ocorre, como desejaria Anatole, para dar encanto e primor ao estilo, mas para escarnecer da humanidade.

* * *

Prossigamos, no entanto, em busca de novos epítetos contrariados.

Braz Cubas, adolescente, fora embarcado à força para a Europa, pelo pai, afim de esquecer a corrompida Marcela. Anos depois, quando ele, doutor por Coimbra, regressou ao Brasil, entrou certa vez em uma casa de relojoeiro, para substituir o vidro de um relógio, que se partira. A oficina era de Marcela. O rosto daquela mulher, outrora belo, apresentava-se-lhe escalavrado pela varíola, e o tempo «ajudara a moléstia, adiantando-lhe a decadência».

Mais tarde, naquele dia, Cubas recompõe mentalmente o encontro, com estas palavras:

—«... entro na primeira loja que me fica à mão; e eis me surge o passado, ei-lo que me lacera e beija; ei-lo que me interroga com um rosto cortado de saudade e bexigas.»

Nesse mesmo livro, que, a louvar-me em Antônio Sales, é a obra fundamental de Machado de Assiz, há uma outra alusão positiva às intenções desses contrastes, que fazem as primícias do estilo, no autor das "Páginas Recolhidas".

É quando, depois de haver rompido com a irmã e o cunhado, por causa da herança paterna, Braz Cubas se recolhe a casa e desabafa, em solilóquio:

> —«Marcela, Sabina, Vergília... ai, eu estou a fundir todos os *contrastes*, como se esses nomes e pessoas não fossem mais do que *modos de ser* da minha afeição interior.»

E exclama:

> —«Pena de maus costumes, ata uma gravata ao teu estilo, veste-lhe um colete menos sórdido.»

Os contrastes se multiplicam nas obras do grande Machado. Não ficam, como já vimos, nos epítetos, porque se estendem aos períodos. Mas a verdade inteira é que essas contradições vão até ao próprio carater, ao temperamento das personagens.

De uma feita, Braz Cubas encontra uma moeda de ouro e manda entregá-la à polícia, repassado de um zelo honesto, de que se fez publicidade. Mais tarde, porem, acha na praia de Botafogo um pacote contendo cinco contos de réis e ficou com o dinheiro. E, para manter-se em paz com a consciência, argumenta:

> —«Gostava de falar de todas as cousas, menos de dinheiro, e principalmente dinheiro achado; e todavia não era crime achar dinheiro, era uma felicidade, um

bom acaso, era, talvez, um lance da Providência.»

E justifica a intervenção divina com as seguintes razões:

—«Não se perdem cinco contos de réis, como se perde um lenço. Cinco contos levam-se com trinta mil sentidos, apalpando-se a miudo, não se lhes tiram os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para se perderem assim, totalmente, numa praia, é necessário que... Crime é que não podia ser o achado; nem crime nem deshonra, nem nada que embaciasse o carater de um homem.»

Pois esse mesmo Cubas, quando anteriormente achou a meia dobra de ouro, não teve repouso antes de recambiá-la à polícia.

E, assim, os contrastes se sucedem.

Adiante, apreciando a religiosidade de sua ex-noiva, Vergília, quando já mulher de Lobo Neves, diz que ela «rezava todas as noites com fervor, ou, pelo menos, com sono».

Ao encontrar, no Largo da Lapa, Quincas Borba, seu amigo de infância, Cubas descreve-lhe a indumentária surrada e detalha que «as bainhas das calças eram roidas pelo tacão de um botim sem misericórdia e sem graxa».

* * *

O estilo de Machado de Assiz não ficou nem perdura sem desafetos. Esses pormenores do seu método de exposição tem encontrado inimigos.

Sílvio Romero afirmou que suas qualidades mais

eminentes são «a correção gramatical, a propriedade dos termos, a singeleza da forma».

Quanto à escola literária de Machado, o mesmo Sílvio concedeu-lhe nada menos de quarenta anos de ecletismo, quando o definiu: «meio clássico, meio romântico, meio realista, uma espécie de *juste milieu* literário, um homem de meias tintas, de meias palavras, de meias idéias, de meios sistemas, agravado apenas com a mania humorística, que não lhe vai bem, porque não se ajusta num ânimo calmo, tão sereno, tão sensato, tão equilibrado, como é o autor de "Tu só, tu, puro amor"».

Em que pese ao agudo senso crítico de Sílvio Romero, se tirarmos da obra de Machado de Assiz isso que o autor da "História da Literatura Brasileira" chama de "mania humorística", teremos desfigurado por completo a sua feição capital.

Mas, agora, vai caber uma indagação: Machado teria sido, em verdade, um humorista, no sentido exato em que esse vocábulo entrou para a cultura moderna?

A indagação procede, em homenagem à *propriedade do termo*, que o mesmo Sílvio reconhece em Machado. Aquí, seria o caso não de contrariar, mas de selecionar os epítetos.

Humorismo, mesmo que se lhe incorpore ao conceito o sentido britânico do *humour*, pressupõe espírito cômico, brincadeira, capricho, mixto de crítica, de gracejo irônico e melancólico, de sentimento e malícia, uma singularidade picante do espírito e do carater, alegria espiritual séria, fina e satírica, originalidade, zombaria.

Machado terá sido um sarcasta, um ironista, um satírico, ou tudo isso?

Estamos indiscutivelmente em face de sutilezas que demandam exame.

Perguntaríamos se não prevaleceriam incompatibilidades radicais, entre o possivel humorismo de Machado e a epopéia de sofrimentos que transuda de seus livros. Por outro lado, a sátira é quasi sempre apanágio dos espíritos versateis, paupérrimos de vida interior tranquila, embora ST. LAMBERT atribua que não a história, mas a sátira do homem, haja sido feita pelos moralistas.

Ora, Machado sempre foi um espírito quieto, e sua obra mental impressiona exatamente pelo senso do comedimento, da moderação.

Mas,afinal, se devemos repelir a opinião de Sílvio Romero, de qne maneira poderíamos compreender o burilador de "Dom Casmurro"?

Para nós, quem o pode explicar é o próprio Machado.

Já o vimos a esclarecer onde se localiza a origem psicológica dos contrastes dolorosos a que ele submete a população de seus romances. Saibamos averiguar o que ainda ele próprio dirá de sua maneira de escrever.

Nos livros principais, Machado está sempre a conversar com o leitor. Em cada protagonista de seus romances, existe frequentemente Machado. Braz Cubas é Machado. Dom Casmurro é Machado. Aires é Machado.

Pois bem. É Braz Cubas quem nos define o estilo de Machado, quando, no prólogo dessa obra, declara:

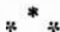
—«Escreví-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia; não é dificil antever o que poderá sair desse conúbio.»

Aí está, pois: galhofa e melancolia.

Realmente, nos episódios mais tristes das urdiduras, o autor tempera a amargura da situação com o guizo de uma galhofa.

Exemplo típico está naquele em que Vergília, amante de Cubas, parte para o norte, depois de seu longo e clandestino convívio com o herói do romance.

> —«Não a vi partir — narra Braz Cubas—, mas à hora marcada, sentí alguma cousa que não era dor nem prazer, uma cousa mixta, alívio e saudade, tudo misturado, em iguais doses. Não se irrite o leitor com esta confissão. Eu bem sei que, para titilar-lhe os nervos da fantasia, devia padecer um grande desespero, derramar algumas lágrimas e não almoçar. Seria romanesco; mas não seria biográfico. A realidade é que eu almocei como nos demais dias.»



Descrevendo suas personagens, Machado não as poupa ao ridículo. Cotrim, cunhado de Braz Cubas, é debuxado como um homem cheio de virtudes, que possuia um carater «ferozmente honrado».

Mas, ao fim, restringe Braz:

> —«Não era perfeito, de certo; tinha, por exemplo, o sestro de mandar para os jornais a notícia de um ou outro benefício que praticava.»

O consolo que às vezes aparece às pequenas desgraças, que povoam os livros de Machado, é quasi sempre galhofeiro.

Quando o alienista comunica a Braz Cubas o

diagnóstico da loucura de Quincas Borba, Cubas afligiu-se muito.

O médico, notando o mau efeito de suas palavras, tratou de confortá-lo, insinuando-lhe que «um grãozinho de sandice, longe de fazer mal, dava certo pico à vida»...

A personagem talvez mais perfeita dos livros de Machado será D. Glória, mãi de Bentinho, em "Dom Casmurro". Mas a pobre senhora, cuja fé é sempre exaltada no livro, fizera a Deus a promessa de dar-lhe o filho, fazendo-o padre. Bem depressa, porem, a criança demonstrou a sua ojeriza à carreira eclesiástica. Não houve, entretanto, de início, argumentos capazes de mudar a atitude de D. Glória.

«—A senhora não podia por em seu filho, antes de nascido,—ponderava-lhe o protonotário Cabral—uma vocação que Nosso Senhor lhe recusou...»

Ela, porem, reagia, fiel ao prometido. E «um cochilo da fé teria resolvido a festa».

O tempo, que nos livros de Machado, como na vida real, é fator de cansaço, aniquilou a resistência de D. Glória. Prevaleceu a sugestão, que ela aceitou, de que prometera a Deus de lhe dar um sacerdote.

Que esse padre não fosse seu filho, mas um mocinho orfão qualquer, ordenado à sua custa... Destarte, a pobre D. Glória se avilta, no romance, pactuando com uma chicana destinada a subtrair o filho ao Serviço da Igreja.

* * *

Abordando outro aspecto da obra de Machado, Sílvio Romero, que foi, sem dúvida, o seu mais autorizado crítico, embora apaixonado, salientou:

—«Em seus livros de prosa, como nos de verso, falta completamente a paisagem,

falham as descrições, as cenas da natureza, tão abundantes em Alencar, e as da história e da vida humana, tão notaveis em Herculano e no próprio Eça de Queiroz.»

Quanto à primeira parte, poderá Sílvio estar com a razão. Em verdade, a paisagem, se não falta completamente, como atribue Romero, não é opulenta ou frequente nas obras de Machado. Mas as cenas da história e da vida humana, estas são encontradiças em qualquer trabalho de prosa e na poesia do autor do "Círculo Vicioso".

O carater universal da obra de Machado de Assiz lhe é tambem emprestado exatamente pelas referências, sem tom pedante, com que ele polvilha seus livros. É raro o capítulo em que não existe uma janela aberta, por onde o leitor avista cenas tanto da história como da vida humana.

Convenhamos em que ele seja pobre de natureza e escasso de ar livre. E já o insuspeito Coelho Neto disse de Machado que as suas casas não tinham quintais.

Mas semelhante crítica obedece a uma influência de nossa condição ainda um tanto silvestre.

Vínhamos de uma literatura colonial, embriagada de rios, montanhas, matas virgens, cachoeiras, tribus de índios, bandeiras, guerras invasoras e caudilhismo.

Machado não se julgou obrigado a permanecer nas matas. Abandonou a selva para consolidar o nosso romance ecumênico. Suas personagens habitavam a cidade do Rio-de-Janeiro. Teve de distanciar-se do nosso glorioso José de Alencar. Nos livros de Machado, não houve combates indígenas, nenhum rio transbordou, como o Paquequer, nenhuma virgem portuguesa se apaixonou por um galã tupí. Seus romances foram

dramas ou comédias citadinos. Suas viagens eram de subúrbios, em seges, ou bondes de tração animal.

Que necessidade haveria de Machado criar uma cenografia florestal para urdiduras genuinamente urbanas?

A crítica, neste ponto, exagera.

Machado retràtou, por certo, ambientes de ar livre, paisagens suburbanas cheias de encanto. Em "Dom Casmurro", os amores de Bentinho e Capitú encontram por cenário a natureza, a amenidade suave de uma chácara. Bentinho confabulava com um coqueiro velho e este lhe dizia que «não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de catorze».

«Pássaros e borboletas, uma cigarra que ensaiava o estio, toda a gente viva do ar era da mesma opinião.»

Machado não foi, portanto, indiferente à paisagem da Guanabara, que, em vários trechos de seus romances, aparece com tintas sóbrias, mas nitidamente expressivas.

Cômo fixador de costumes, sua obra é um documento. O Rio antigo, todo o meio século do segundo reinado, poderá, sob esse aspecto, ser reconstituido pelos livros do autor de "Quincas Borba".

O teatro, as óperas, o trabalho escravo, fragrantes curiosíssimos do cativeiro, as superstições, a instrução, os logradouros, as modas femininas, o culto, os funerais, o tráfego urbano, a política, a vida literária—tudo isso os livros de Machado de Assiz retratam com uma fidelidade tanto mais pura, quanto mais despreocupada, pelo tom natural com que aparece em suas obras.

Vejamos algumas dessas reconstituições em "Dom Casmurro".

—«Em caminho, encontramos o imperador, que vinha da Escola de Medicina. O ônibus em que íamos parou, como todos os veículos; os passageiros desceram à rua e tiraram o chapéu, até que o coche imperial passasse.»

E mais adiante :

—«Parece que vai sair o Santíssimo, disse alguem no ônibus. Ouço um sino; é, creio que é em Santo Antônio dos Pobres. Pare, sr. recebedor.

Iríamos acompanhar o Santíssimo. Efetivamente, o sino chamava os fiéis àquele serviço de última hora. Já havia algumas pessoas na sacristia. Era a primeira vez que me achava em momento tão grave.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Quando o sacristão começou a distribuir as opas, entrou um sujeito esbaforido, era o meu vizinho Pádua, que tambem ia acompanhar o Santíssimo.»

Como se vê, Machado, em sua obra literária, focalizou meio século de costumes nacionais. Seus livros recompõem, sem preocupações tendenciosas, a existência de nossos avós, cobrindo-os de pitoresco, é verdade, ou fazendo-lhes a caricatura, mas tudo isso sem desfigurar as linhas gerais de uma época preciosa para a história de nossa cultura.

* * *

Estudem outros o poeta que foi Machado de Assiz.

Para nós, ainda sob esse prisma, ele foi um gigante.

O burilador dessas três jóias do verso portu-

guês, que são "Mosca Azul", "Círculo Vicioso" e "Carolina", jamais poderia ser proscrito do Parnaso brasileiro.

Seu lugar é nas antologias, é na tradição cultural da latinidade, onde lhe permanecerá erguido um Monumento: a sua obra grandiosa e imortal.

---